

A PAISAGEM SONORA SACRA DE ÉVORA NA IDADE MÉDIA

LEITURAS A PARTIR DOS ESCRITOS DE MANUEL FIALHO E FRANCISCO DA FONSECA

Luís Henriques*

luiscfhenriques@gmail.com

O presente estudo propõe um roteiro pelas principais instituições religiosas de Évora durante os séculos XIV e XV a partir da perspetiva da sua atividade musical. Embora já tenham sido realizados numerosos estudos de fontes, ainda está em falta um estudo do contexto urbano desta atividade. O presente trabalho pretende contribuir para estudos futuros sobre o entendimento da paisagem sonora de Évora na Idade Média partindo da atividade conhecida das suas instituições religiosas tomando as leituras de dois jesuítas do final do século XVII, Manuel Fialho e Francisco da Fonseca, como roteiro.

Palavras-chave: Évora, paisagem sonora, música sacra, século XV, Francisco da Fonseca, Manuel Fialho

*

Os inúmeros estudos já realizados sobre a música na Idade Média em Portugal mencionam sempre a escassez de fontes musicais que permitam uma análise e perceção eficaz das práticas musicais durante este período. Frequentemente, estas fontes resumem-se a livros de coro, que embora numerosos para algumas ordens (como é o caso dos cistercienses) revelam-se uma escassez de referências no sentido de ilustrar as práticas musicais generalizadas. Enquanto no caso de Alcobaça, Arouca, Braga e outras instituições seculares ou monástico-conventuais, sobreviveu um razoável número de fontes musicais cuja leitura transmite uma imagem relativamente clara da presença da música nesses espaços, no caso particular da cidade de Évora a existência de documentos deste tipo é bastante escassa estando uma grande parte ainda por ser estudada no enquadramento musical da cidade. Uma grande percentagem dos documentos

* Universidade de Évora, CESEM, Évora, Portugal.

musicais encontra-se concentrada nos vários fundos da Biblioteca Pública de Évora, que apesar da rica coleção de livros iluminados medievais, constitui ainda um grande enigma no que respeita à sua proveniência que na maioria é desconhecida. Também o Arquivo Distrital de Évora possui alguns livros litúrgico-musicais medievais assim como uma numerosa coleção de fragmentos desse período, que posteriormente serviram de guarda a livros notariais e de contadoria, cuja leitura contextual é bastante difícil de realizar.

Porém, no respeitante à documentação histórica referente à atividade das instituições religiosas de Évora no período medieval, estas fontes transmitem inúmeras referências quanto às práticas musicais no contexto sacro da cidade. A partir do século XVI foi largamente estudada a atividade musical na Catedral e outras instituições monástico-conventuais da cidade, nomeadamente a capela e claustros da Catedral (Alegria, 1973), assim como o Colégio dos Moços do Coro (Alegria, 1997) e o mosteiro cisterciense de São Bento de Cástris, porém, permanecendo ainda a atividade das colegiadas e dos dois conventos mendicantes instalados no perímetro urbano ainda por realizar. Para os séculos XIV e XV encontram-se alguns estudos realizados sobre os grupos eclesiais da Catedral e o seu funcionamento, nomeadamente os bacharéis, que, embora não diretamente relacionados com a atividade musical, contêm importantes referências das quais se deduz a presença dessa arte na sua rotina litúrgica (Baptista, 1982-1983). É também importante referir o trabalho realizado em torno do chamado Uso de Évora, liturgia própria da diocese eborense abandonada no período pós tridentino em detrimento do Uso Romano (Alvarenga, 2005), e o seu enquadramento nos usos medievais portugueses, como é o caso do Uso de Braga e de Santa Cruz de Coimbra (Ferreira, 2010: 180).

Estes trabalhos constituem contributos determinantes para a perceção de como seria a paisagem sonora sacra de Évora no período medieval. Porém, no respeitante à compreensão do contexto das instituições religiosas da cidade tornam-se bastante incompletos no sentido de contribuírem para a relação entre as dinâmicas musicais internas e a sua implantação no tecido musical urbano. É esta escassez em termos de documentação musical que as referências históricas vêm, em parte, colmatar embora reconhecendo-se que, focadas nas relações sociais e económicas, em grande parte dos casos as questões artísticas (musicais) ficaram relegadas para um plano secundário. Não se trata de referências diretas à atividade musical mas, através de um estudo comparativo com outras instituições e a aplicação de modelos de outros centros já estudados, consegue-se reconstruir, embora de forma incompleta, como poderia ter sido a paisagem sonora sacra de Évora na Idade Média, mais concretamente,

nos séculos XIV e XV. Em termos da história de Évora constituem importantes referências históricas os trabalhos realizados pelos padres jesuítas Manuel Fialho e Francisco da Fonseca, que entre as últimas décadas do século XVII e primeiras do XVIII compilaram uma série de informação sobre a atividade das igrejas e conventos eborenses.

O Padre Manuel Fialho (1646-1718), natural de Évora, entrou em 1659 para a Companhia de Jesus e foi o autor da *Évora ilustrada*, que redigiu a partir de 1690. Esta obra, apesar de obtidas as licenças, não chegou a ser impressa, encontrando-se o manuscrito atualmente depositado na Biblioteca Pública de Évora (Cód. CXXX/1-11). A segunda obra em que se baseia o presente estudo toma como nome *Évora gloriosa* e foi publicada pelo Padre Francisco da Fonseca (1668-1738) no ano de 1728. Este autor, também ele eborense, seguiu o percurso eclesiástico na Companhia de Jesus, tendo morrido em Roma no ano de 1738. De acordo com o título, a obra constitui um “epílogo dos quatro tomos da *Évora ilustrada*”, apresentada de forma mais condensada que a de Fialho (Fonseca, 1728). Trata-se de duas obras sintomáticas da importância dada pelos Jesuítas à escrita e produção de história dos locais onde estavam implantadas as casas desta Ordem. O presente estudo baseia-se sobretudo na obra deste último autor uma vez que, à exceção de alguns detalhes em termos da extensão do texto (certamente circunscritos à extensão de impressão da obra no caso de Fonseca), ambas as obras contêm as mesmas descrições no respeitante às instituições musicais da cidade. Posterior à de Manuel Fialho, para além de resumir o conteúdo de *Évora Ilustrada*, a *Evora Gloriosa* também corrige algumas imprecisões deste autor, nomeadamente no respeitante a datas.

As principais instituições de Évora onde existia atividade musical durante a Idade Média mencionadas por Fialho e Fonseca podem ser divididas em três grupos, segundo o tipo de comunidade e a sua organização litúrgico-musical. A cidade divide-se, assim, entre a Catedral, as Colegiadas e os Conventos mendicantes intramuros ou imediatamente exteriores aos mesmos. Para este estudo foi considerado um período temporal entre os séculos XIV e o fim da primeira metade do século XV. Foram também consideradas como objeto de estudo as instituições religiosas do perímetro urbano da cidade capazes de sustentar uma atividade litúrgico-musical regular que incluem as freguesias urbanas da cidade (Sé, São Pedro, São Tiago, São Mamede e o caso especial de Santo Antão) e ainda os dois conventos estabelecidos nos arrabaldes (S. Francisco e S. Domingos). Para além destes centros ainda existia o mosteiro cisterciense feminino de S. Bento de Cástris a cerca de dois quilómetros da cidade, não tendo sido contemplado neste estudo em virtude a sua organização

litúrgico-musical que, contrariamente às ordens mendicantes segue um rito monástico e de clausura. A partir da segunda metade do século XV ocorreu uma série de fundações de conventos (masculinos e femininos) dentro da malha urbana da cidade, que também não foram considerados, uma vez que a sua atividade musical irá desenvolver-se sobretudo a partir do século XVI.

No caso da Catedral e das Colegiadas, que compõem o núcleo secular eclesiástico da cidade, estas instituições correspondem a igual número de freguesias urbanas durante o período medieval. Incluem, para além da área intramuros, também uma parte do arrabalde da cidade. Nestas igrejas estaria em vigência o chamado Costume (ou Uso) de Évora que, para além da Catedral, estaria também generalizado ao restante clero secular. A análise da complexidade e aplicação do Uso de Évora iria ultrapassar o âmbito do presente trabalho, pelo que a sua menção restringe-se a uma presença e incorporação num contexto mais alargado da atividade das instituições religiosas. Desta forma, partindo das igrejas seculares de Évora, tem primazia enquanto instituição musical a Catedral (por esta altura sede de bispado), com os seus vários grupos eclesiásticos que asseguravam o canto dos ofícios litúrgico-musicais.

A Catedral, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, encontra-se na zona mais elevada do centro urbano, considerada a mais antiga igreja da cidade, sendo a sede da freguesia dita de Santa Maria. Referem os autores setecentistas que, após a tomada da cidade, foi o seu primeiro bispo D. Soeiro sucedendo-lhe catorze anos mais tarde, em 1180, o bispo D. Paio. Este iniciou a construção da nova catedral, que durou dezoito anos, dedicando a igreja no dia 21 de Maio de 1204 (na festa de S. Manços), à Virgem Maria. Durante este período foi consagrada uma casa (no local onde hoje está a Biblioteca Pública de Évora) para serem celebrados os ofícios divinos enquanto não se concluíam a Catedral (Fonseca, 1728: 214). Através desta nota percebe-se que já nessa altura existia uma organização litúrgica na Catedral que certamente incluiria o canto dos vários ofícios diários (as Horas Canónicas), assim como a celebração solene das missas, com um grupo de cantores especializados nessa tarefa. Aqui será importante referir a corporação dos bacharéis, um dos grupos eclesiásticos da Catedral com funções litúrgico-musicais e possivelmente o grupo a que se referia Francisco da Fonseca. A celebração dos ofícios divinos também estava a cargo do grupo de bacharéis que, regra geral, substituíam os titulares dos benefícios da Sé na celebração de disposições testamentárias, quer fossem ofícios *pro defunctis* de aniversário ou a celebração de missas de sufrágio, frequentemente mal remunerados face o volume de serviço que tinham (Baptista, 1982-1983: 63). Fonseca refere que na Catedral existiam vinte capelas, as quais mais tarde

foram demolidas, o que, face ao número, implicaria um grupo numeroso de ministros para nela se celebrarem os respetivos ofícios (Fonseca, 1728: 215). Os ofícios eram cantados no coro-alto, como também no coro-baixo, estando este último enquadrado entre a capela-mor e o cruzeiro da Catedral. Fonseca menciona a construção de uma nova capela-mor, no período em que foi Bispo de Évora D. Durando, para acomodar o número crescente de clérigos da Catedral. A existência deste número de capelas implicava, no mínimo, a celebração de mais vinte missas e ofícios para além daquelas que constituíam os grandes ciclos litúrgicos anuais do Temporal e Santoral.

No século XVIII a Catedral era composta por oito dignidades, doze cónegos, quatro cónegos de meia prebenda, cinco quartanários, quinze bacharéis, dez beneficiados, dois capelães das obras, quatro sacristãos, e mestre de capela com músicos e meninos do coro. A instituição da corporação capitular da catedral surge na documentação do início do século XIII sendo composta, ao jeito da de Coimbra, por Deão, Chantre, Sacristão, título correspondente ao Tesoureiro e 14 cónegos (Alegria, 1985: 86). Em 1344, após o Sínodo realizado nesse ano em Évora pelo bispo D. Martinho, ficou determinado que se deveria cantar no Sábado o ofício de Nossa Senhora, de nove lições segundo o Costume de Évora, para além dos habituais ofícios e missas diários que eram todos cantados tanto nos dias de féria como nos solenes. O título de Mestre-Escola surge na documentação apenas em 1395, nomeadamente no respeitante à instituição de uma prebenda (Alegria, 1985: 87). O Mestre-Escola estava encarregado em 1450 de dizer as missas do Natal, e as missas das festas da Conceição de Anunciação da Virgem, para além de ter quatro moços que deveria ensinar a cantar os versículos e responsórios das Matinas assim como servir no que fosse necessário ao serviço do coro. Por aqui se depreende que já em meados do século XV existia um grupo musical na Catedral que exigia a participação de quatro moços para o serviço do coro, certamente para cantarem à estante junto com os outros clérigos, nomeadamente os bacharéis. Estes moços acumulavam também outras funções tais como transportarem as tochas acesas durante as procissões e assistir aos ministros na celebração da missa sempre que tal se justificasse. A menção direta à sua presença obrigatória durante o ofício de Matinas é testemunho da importância que esta Hora Canónica tinha na dinâmica litúrgico-musical da Catedral, dada a sua extensão e complexidade em termos dos textos musicais.

As colegiadas constituem um outro núcleo de centros em que a prática musical estaria regularmente presente sua rotina litúrgica. Estas eram igrejas em que se celebravam os ofícios de forma solene, semelhante ao que ocorria

na Catedral. Para isso, estas instituições dispunham de um colégio de clérigos composto por raçoeiros ou beneficiados que recebiam determinado pagamento para a celebração dos ditos ofícios. As colegiadas predominavam em tempos medievais nas dioceses de Lisboa e Évora. Eram geralmente constituídas pelo prior ou reitor, um capelão, tesoureiro e grupo de beneficiados ou raçoeiros. O prior apenas cantaria as missas e ofícios mais solenes do Ano Litúrgico, ficando os restantes clérigos com a obrigação de celebrarem os outros serviços assim como os ofícios *pro defunctis* ou aniversários decorrentes das instituições de capelas por testamento. Também eram eles que tinham obrigação de cantar os vários ofícios diários no coro.

A seguir à Catedral, a paróquia de Santa Maria da Sé, encontra-se a paróquia de São Pedro, o segundo templo mais antigo da cidade, localizada no interior da chamada Cerca Velha. A primitiva localização desta igreja, na atual Rua Diogo Cão, da qual apenas sobrevive o pórtico de entrada, foi profundamente alterada no século XIX após a sua transferência para a igreja do extinto convento de São Francisco em 1862, albergando atualmente serviços da Câmara Municipal de Évora (Beirante, 1995: 56). Desde 1186, era comendadoria da Ordem do Templo. Após a extinção desta Ordem e tendo crescido a cidade, passou a freguesia por volta de 1312, ficando o Bispo de Évora com o padroado da dita igreja, para a qual era ele quem nomeava o respetivo prior. A igreja de São Pedro possuía uma colegiada composta por prior, seis beneficiados (ou raçoeiros) e um capelão, sustentado pelo prior. O primeiro prior de S. Pedro que se conhece foi Lourenço Anes de Oliveira em 1330, sucedendo-lhe, em 1356, o cardeal D. Guilherme. Em 1438, D. Afonso Anes foi prior de S. Pedro, cónego da Sé e bispo de anel de D. Álvaro de Abreu (Fonseca, 1728: 217). Porém, esta igreja possuía já um reitor em 1259, D. João Martins, e um colégio composto por dois raçoeiros. No final do século XV a colegiada era composta por um grupo de cerca de quatro raçoeiros um dos quais desempenhando as funções de tesoureiro, sob administração do prior Fernão Lourenço (Beirante, 1995: 513). Embora não se possa localizar com precisão quando esta colegiada começou a ter um serviço de coro regular, é possível que tal tenha começado a consolidar-se a partir do século XIV com um maior fluxo de doações, nomeadamente com a instituição da capela de Lopo Rodrigues e de sua mulher (Beirante, 1995: 97).

A partir de um manuscrito conservado na Biblioteca Pública de Évora consegue-se analisar, embora de forma incompleta, qual o volume de atividade musical nesta colegiada. Trata-se de uma lista de aniversários celebrados na igreja, datada do final do século XV. Numa primeira análise ao pergaminho, percebe-se que se trata de um fólio de um antifonário, cujo verso foi

reaproveitado. Este fólio terá eventualmente feito parte de um livro que estaria a ser copiado para uso na igreja de S. Pedro mas que, infelizmente, apenas recebeu o texto, ficando em branco o espaço para a música e letras iniciais. O excerto de texto presente no fólio corresponde a duas antífonas. Trata-se das duas antífonas *ad Magnificat*, que se cantam no final dos ofícios de primeiras e segundas Vésperas no Domingo de Quinquagésima. No caso da antífona para primeiras Vésperas o fragmento textual corresponde ao final da antífona, e o segundo fragmento corresponde ao início da antífona para segundas Vésperas. Estas antífonas seguem o Costume de Évora, uma vez que a sequência de texto produzida apenas foi encontrada no Breviário Eborense, neste caso, a edição de 1548 (Resende, 1548: 195). Analisando a lista de aniversários, percebe-se que anualmente eram cantados 54 na igreja, referentes a doze legados, oscilando entre 1 e 12 aniversários por indivíduo. Um destes indivíduos é Rodrigo d'Aires, que havia sido beneficiado em S. Pedro e deixou à igreja moio e meio de trigo e vários foros com condição de nela se cantarem doze aniversários anuais, distribuídos de forma mensal. O volume de ofícios implicaria um grupo de clérigos numeroso, criando um efeito sonoro na igreja que, a julgar pela dimensão atual do edifício, não seria um templo muito amplo. Ainda na segunda metade do século XIV serviam como priores de São Pedro dois clérigos estrangeiros: D. Guilherme, cardeal da Igreja de Roma, e Pedro Pelicer o que, uma vez mais, denota a importância que a colegiada tinha na hierarquia eclesiástica eborense (Beirante, 1995: 513).

A igreja de Santiago era servida no início do século XVIII por um prior, cura e oito beneficiados com obrigação de coro, ou seja, encarregados de cantarem os vários ofícios diários. Esta era a terceira paróquia mais antiga da cidade, localizada dentro da Cerca Velha e o respetivo prior era nomeado pelo Bispo de Évora. Em meados do século XIII, era prior desta colegiada Martim Mendes, sendo a documentação da sua atividade muito escassa até meados do século XV o que não permite uma leitura eficaz de como seria a sua atividade musical. Em 1451 era seu prior Afonso Eanes, sendo de supor que algures no século XIII terá sido instituída a corporação colegial mencionada por Fialho no final do século XVII. No século XV a colegiada de Santiago seria composta por um grupo de quatro a seis raçoeiros, sob a administração do prior (Beirante, 1995: 513).

Francisco da Fonseca esclarece que estas três igrejas, e respetivas freguesias, “estão dentro da cidade antiga de Sertório, [...] mas cresceram estes [fregueses] tanto, que formaram uma nova cidade, e tão populosa, que foi preciso erigir duas novas freguesias” (Fonseca, 1728: 217). A primeira das freguesias

a que se refere Fonseca foi a de São Mamede, localizada imediatamente fora da Cerca Velha incorporando a zona da mouraria da cidade, sendo o padroado do Cabido. São Mamede é aquela com menos informação no respeitante ao período medieval (Simplício, 2003: 368). Francisco da Fonseca refere a falta de informação, comprovando que a igreja “he muito antiga” (Fonseca, 1728: 218). Em 1302 possuía esta paróquia vigário, capelão e tesoureiro. Não se conhece praticamente nada sobre o quotidiano litúrgico-musical apenas supondo-se que tivesse no final do século XIV cerca de quatro raçoeiros, conhecendo-se o nome de dois priores: Francisco Esteves, por volta do ano de 1313, e João Vasques (Beirante, 1995: 513). No final do século XVII possuía prior, dois beneficiados simples, dois beneficiados com cura de almas e um capelão, todos com obrigação de residência e coro (Fonseca, 1728: 218).

A vigaria de Santo António eremita (mais tarde denominada de Santo Antão) foi a segunda paróquia a ser criada no arrabalde da cidade, exterior à Cerca Velha englobando a judiaria, sendo o padroado do Bispo e Cabido que lá colocaram nos primeiros tempos um capelão anual e, posteriormente no tempo do Bispo D. Martinho Gil, um vigário com um colégio (Beirante, 1995: 58). Fonseca refere que, inicialmente, esta era uma pequena ermida anexa à Sé, que nela colocava um cura para administrar os sacramentos. Em 1380, o bispo D. Martinho “fundou nella um vigário, com seis beneficiados que acco-dindo a o Coro celebrassem com mayor solemnidade dos Divinos mysterios” (Fonseca, 1728: 218). O primeiro vigário conhecido é Martim Eanes em 1280. Uma vez mais, a informação documental até meados do século XV é muito escassa para esta igreja, conhecendo-se como vigários Vasco Esteves, Afonso Aires e João Dias para a segunda metade do século.

Estas duas novas paróquias criadas no exterior da Cerca Velha da cidade eram vizinhas e repartiam a área extramuros com os dois conventos mendicantes aí instalados. Eram estas casas de frades franciscanos e dominicanos, que acabaram por atuar como elementos geradores da cidade em expansão, incorporando-se rapidamente numa paisagem sonora urbana marcadamente secular. Tanto os franciscanos como os dominicanos seguiam um rito muito próximo do secular, simplificado como resultado da sua natureza dinâmica e implantação no centro das cidades, contrariamente, por exemplo, aos cistercienses, uma ordem retirada para locais isolados seguindo um percurso litúrgico-musical mais contemplativo, como acontece com a outra casa religiosa no termo de Évora – o mosteiro de São Bento de Cástris – retirado para o ermo Alto de São Bento.

O convento de S. Francisco foi fundado em meados do século XIII após uma doação em 1250 de João Estevens e sua mulher. Em 1280 o património do convento foi aumentado com uma doação do mercador Pedro Afonso. As sucessivas doações testamentárias foram aumentando o número de capelas no convento e, conseqüentemente, também o número de ofícios de aniversário cantados e rezados pelos frades (Beirante, 1995: 91). A comunidade franciscana no século XV era composta por nove religiosos com obrigação de coro, não se conhecendo em detalhe o número de religiosos com obrigação de coro para os séculos anteriores (Fonseca, 1728: 328). No caso desta instituição, dado o volume de doações testamentárias feitas ao convento, é de supor que esta casa tivesse uma atividade litúrgico-musical intensa, assente na prática do cantochão, nomeadamente dos aniversários *pro defunctis* (Beirante, 1995: 92). Este tipo de ligações com a cidade estabeleciam-se por intermédio da instituição de capelas.

Mais tardia é a fundação do convento de S. Domingos já do final do século XIII, cujo património aumentou em 1288 com a doação feita pelo cavaleiro Martim Gil, embora com uma implantação mais limitada que a de São Francisco (Beirante, 1995: 93). Tal como em São Francisco, a propriedade do convento foi aumentando nos séculos seguintes na sequência de doações. Porém, não existem referências claras à celebração de aniversários, supondo-se todavia, que tal acontecesse. Em várias ocasiões os legados implicam, não só a celebração de ofícios, mas também a educação de descendentes, uma vez que S. Domingos era o principal centro de ensino da cidade durante o período medieval. Relativamente à população conventual, em 1299 este convento enviou 13 religiosos ao capítulo provincial realizado em Barcelona. No século XIV são referidos nove religiosos e no século seguinte doze. O convento era governado por um prior, subprior e vigário (Fonseca, 1728: 330).

Em conclusão, percebe-se através dos relatos de Manuel Fialho e, sobretudo, de Francisco da Fonseca, e o seu confronto com a documentação medieval, que as instituições religiosas da cidade de Évora mantiveram uma atividade musical regular durante os séculos XIII e XIV, sobretudo através da prática diária do cantochão que seria ouvida por toda a cidade. Para além da atividade na Catedral, própria da liturgia musical da sede de diocese, a existência das colegiadas, juntando-se outras por via da expansão da cidade, permitiu que os ofícios divinos fossem celebrados de uma forma muito próxima ao que seria feito na Catedral, elevando assim, não só a solenidade dos mesmos, mas também a sua complexidade musical que estaria assente no chamado Costume litúrgico próprio da cidade. Infelizmente, não sobreviveram fontes musicais completas até à atualidade, em resultado, talvez, das várias reformas litúrgicas

e o conseqüente abandono dos livros antigos que, ou foram destruídos, ou cujo material – na sua maioria pergaminho – foi reutilizado para capa de livros administrativos dessas instituições. É a partir desses livros que se encontram inúmeros fragmentos medievais que infelizmente muito pouco transmitem para além do seu conteúdo, nomeadamente no respeitante à sua envolvência litúrgico-musical, assim como da sua utilização no âmbito da actividade musical da respectiva instituição. Porém e embora caindo no risco da generalidade, enquadrar estas instituições num contexto urbano mais vasto em que, certamente, partilhariam características comuns, permite-nos uma visão mais abrangente dos seus possíveis contextos musicais, assim como do seu impacto na paisagem sonora de Évora no período medieval.

REFERÊNCIAS

- ALEGRIA, José Augusto (1985). *A Prática e Ensino da Música nas Sés de Portugal (Da Reconquista a finais do Século XVI)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- ALEGRIA, José Augusto (1973). *História da Escola de Música da Sé de Évora*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALEGRIA, José Augusto (1997). *O Colégio dos Moços do Coro da Sé de Évora*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALVARENGA, João P. d' (2005). "Polifonia portuguesa sacra tardo-quincentista: estudo de fontes e edição crítica do *Livro de São Vicente*, manuscrito P-Lf FSVL 1P/H-6", Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.
- BAPTISTA, Júlio C. (1982-1983). "Pergaminhos dos Bacharéis da Sé de Évora", *A Cidade de Évora* 65-66. 63-164.
- BEIRANTE, Maria A. (1995). *Évora na Idade Média*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FIALHO, Manuel, *Évora ilustrada*, Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXX/1-11.
- RESENDE, André de (ed.) (1548). *Breviarium eborense*, Lisboa, Apud Lodouicum Rotorigium.
- FERREIRA, Manuel P. (2010). *Aspectos da Música no Ocidente Peninsular Volume II – Música Eclesiástica*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda/Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMPLÍCIO, Maria D. (2003). "Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval", *Revista da Faculdade de Letras – Geografia* 19. 365-372.